



GT09 - Trabalho e Educação – Trabalho 916

## TRABALHO E ARTE: PERSPECTIVAS DE FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL

Benedita Alcidema Coelho dos Santos Magalhães - UFPA

### **Resumo**

Trata da relação trabalho e arte e sua contribuição para a formação humana numa perspectiva integral. Apresenta parte da pesquisa de Doutorado, em desenvolvimento, que tem como objeto de pesquisa “a arte como elemento de integração/fragmentação no curso técnico de Teatro de uma universidade pública da Amazônia. Por meio de revisão bibliográfica afirma a importância da relação trabalho e arte para a formação humana omnilateral. A teoria aqui adotada sustenta que abordagem da arte no âmbito do binômio trabalho e educação possui uma significação importante do ponto de vista teórico-filosófico e prático por exercer uma função humanizadora do homem, contrapondo-se processos de formação que negam o ser humano, que o reduzem a meros instrumentos de reprodução da lógica do capital.

**Palavras-Chave:** Arte. Trabalho. Formação humana

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho apresenta parte da pesquisa de Doutorado, em desenvolvimento, que tem como objeto de pesquisa “a arte como elemento de integração/fragmentação no curso técnico de Teatro da UFPA.

O trabalho em sua acepção ontológica como “atividade produtiva fundamental da existência humana” é a categoria central que nos ajuda a compreender a arte como elemento de integração nos processos de formação humana (MÉSZÁROS, 2006). Pois, a arte é entendida em Marx “como um desdobramento do trabalho” conforme assinala Frederico (2013, p. 44). Assim, corrobora Vasquez (2011, p.42) quando confirma que a “concepção de arte como atividade que, ao prolongar o lado positivo do trabalho, evidencia a capacidade criadora do homem”.

Articular arte e trabalho e suas repercussões para a formação humana omnilateral é a tarefa que nos colocamos neste texto. Desta feita nos questionamos: qual a contribuição da arte para formação humana numa perspectiva omnilateral, tendo o trabalho como elemento basilar?

De acordo com REIS (2013) o estatuto ontológico da arte baseado numa perspectiva marxista aponta para o entendimento de que o conhecimento artístico é fundamental no âmbito das realizações humanas.

O texto está organizado em três partes, a primeira trata da arte na perspectiva marxista; a segunda parte discute a relação trabalho e arte; e a terceira parte fala da importância da relação trabalho e arte para processos de formação humana numa perspectiva integral.

## A ARTE NA PERSPECTIVA MARXISTA

Discutir a Arte na perspectiva marxista não é tarefa das mais fáceis, uma vez que ela tem sido secundarizada e muitas vezes negligenciada no interior do próprio marxismo. O esforço em recolocar arte no centro das preocupações e necessidades humanas, devidamente articulada a outros aspectos que envolvem a constituição deste ser, foi assumida por dois importantes marxistas do século XX, o Russo Mikhail Alexandrovicht Lifschitz e o Húngaro György Lukács, que trabalhando juntos no Instituto Marx-Engels-Lenin em Moscou dedicaram-se a investigar no conjunto da obra de Marx e Engels “os fundamentos para uma teoria da arte original,” como esclareceu Jose Paulo Neto e Miguel Yoshida nas notas à edição de uma obra importante publicada

no Brasil com o título “Cultura, arte e literatura: textos escolhidos” ( MARX e ENGELS, 2012).

Esta obra reúne escritos de Marx e Engels, produzidos em diferentes momentos de suas vidas que tratam da questão da arte, cultura e literatura e de alguma forma apontam caminhos e dão pistas significativas para fundamentar o que mais tarde se constituiu como “Estética marxista”, embora ressaltem que Lukács e Lifschitz, Marx e Engels “jamais tenham se colocado a tarefa de pensar sistematicamente a arte (isto é, de elaborar uma estética)” (MARX & ENGELS, 2012, p.7-8).

Lukács (2010) trata Engels como teórico e crítico da literatura e que este o fazia determinado pelas grandes tarefas da luta da classe proletária. Lukács ressalta o papel de Engels em relação ao seu posicionamento contrário ao romantismo reacionário, ao idealismo artístico e a um tipo de construção literária de cunho burguesa, sua preocupação estava centrada na influência burguesa sobre a consciência proletária e defendia a grande herança que consiste na “ missão histórica e universal do proletariado de destruir o triste mundo capitalista para criar uma nova sociedade, que garanta um grandioso desenvolvimento cultural”(LUKÀCS, 2010, p. 40).

Engels, afirma Lukács, defendia o Realismo que segundo ele “implica, a meu ver, além da verdade dos detalhes a fiel reprodução de personagens típicos em situações típicas”. Essa concepção do realismo “fundada histórica e dialeticamente, constitui uma adequada formulação de que a arte reflete a realidade objetiva e, portanto, ela pretende possuir valor de verdade objetiva” (LUKÀCS, 2010, p.44).

Coube, portanto, à Lukács a sistematização de uma estética marxista, que resultou na importante obra “Estética” organizada em quatro volumes (em versão espanhola) ainda inacessível em português para os brasileiros. De acordo com Frederico (2013, p.113) “as ideias centrais foram antecipadas no livro concluído em 1956, *Introdução à uma estética marxista*, dedicado à categoria central da estética: a particularidade.”

De acordo como o filósofo brasileiro amazônico Benedito Nunes (2003) - que dedicou sua vida ao estudo de questões estéticas- Lukács é um dos mais lúcidos marxistas a tratar da questão da estética. O que faz Lukács ser a principal referência no debate de uma estética marxista, sem desconsiderar outros também importantes, é a sua capacidade de uma elaboração teórica profunda, fiel às fontes e que sobretudo não condiciona a compreensão da arte às tendências, mas parte do entendimento que a arte é

uma forma particular de compreensão da realidade. Para Lukács, “a essência da arte estaria no seu não ser utópico” (FREDERICO, 2013, p.117).

O que faz Lukács tão especial nesse debate é a sua dedicação por compreender o ser humano na sua ontologia, o ser social, foi na busca por uma estética que que ele sentiu a necessidade de uma ontologia. Três anos após ter escrito a obra “Estética I (1963) passou a preocupar-se com a ontologia e a partir de então, seus estudos passaram a ser uma Antologia dos estudos de Marx. Lukács sofreu influência de Kant e Hegel e seus principais interlocutores foram Weber, Marx e Hegel.

Lukács em *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*, escrito em 1945, esclarece categoricamente que

Os princípios mais gerais da estética e da história marxista da literatura encontram-se, pois, na teoria do materialismo histórico. Só a partir do materialismo histórico podem ser compreendidas a gênese da arte e da literatura, as leis do desenvolvimento, as suas transformações, as linhas de ascensão e queda no interior do processo de conjunto (MARX & ENGELS, 2012, p.13)

Daí depreende-se que a arte não deve ser pensada de forma isolada do conjunto do desenvolvimento histórico, mas respeitando as suas particularidades e conexões imanentes, entendê-la no âmbito da (re) produção material e espiritual da existência humana, que em última instância é determinada pela base material da existência humana.

Analisar a arte sob o prisma do materialismo histórico-dialético exige, como alerta Lukács (2010) afastar algumas interpretações que ele considera vulgar e deformadora, quais sejam por exemplo, interpretar de forma mecânica a relação entre base econômica e superestrutura numa relação de causa-efeito, ou seja, a arte (situada na superestrutura) mero efeito da base econômica (causa).

Como dito anteriormente, a arte possui suas particularidades e conexões imanentes, que lhe conferem uma autonomia relativa, que por sua vez afetada pelas forças sociais produtivas também produz efeitos sobre esta. “A dialética - afirma Lukács- [...] reconhece até mesmo nos dados mais elementares da realidade complexas interações de causa e efeito” (MARX & ENGELS, 2012, p.13).

Adolfo Sanches Vasques, conhecido no Brasil, principalmente por causa de sua obra *Filosofia da Práxis*, também se dedicou aos estudos no campo da estética marxista.

De acordo com Vasquez (2011a) as concepções de estética e arte em Marx estão ligadas à sua concepção de homem, “o homem total, já desalienado e na plena posse de suas forças essenciais” (VASQUEZ, 2011a, p.11-12). Nestes termos, corrobora Lukács na introdução do livro “*Cultura, arte e literatura*” de Marx e Engels,

A ideia central do marxismo, no que se refere à evolução histórica é a de que o homem se fez homem diferenciando-se do animal através do seu próprio trabalho. A função criadora do sujeito se manifesta, por conseguinte, no fato de que o homem se cria a si mesmo, se transforma ele mesmo em homem, por intermédio do seu trabalho, cujas características, possibilidades, graus de desenvolvimento, etc, são determinados pelas circunstâncias objetivas, naturais ou sociais. **Este modo de conceber a evolução histórica está presente em toda visão marxista da sociedade e também, na estética marxista** (MARX & ENGELS, 2012, p. 14, grifo nosso).

A tese cara ao marxismo de que o homem não nasce homem, mas torna-se homem, mediado pelo trabalho é a base que sustenta toda a estrutura de uma estética marxista. Para Mészáros (2006, p.174) “a estrutura de referência comum é o homem como um ser natural que é ativo a fim de satisfazer as suas necessidades, não apenas econômicas, mas também artisticamente”.

Mészáros em *A teoria da Alienação em Marx* ao discutir os aspectos da alienação (econômicos, políticos, ontológicos e morais e estéticos) toma como ponto de partida para a análise dos aspectos estéticos a constatação de que a “criação e o gozo artísticos foram profundamente afetados pela alienação” e contrapondo-se ao que ele chama de “ouvidos afinados com o utilitarismo” destaca que

As considerações estéticas ocupam um lugar muito importante na teoria de Marx. Estão elas tão intimamente ligadas a outros aspectos de seu pensamento que é impossível compreender adequadamente até mesmo a concepção econômica sem entender suas ligações estéticas (MÉSZÁROS, 2006, p.173).

Mészáros (2006, p.174) afirma que para Marx, “arte não é o tipo de coisa que pode ser atribuído à esfera ociosa do lazer e, portanto, de pouca ou nenhuma importância filosófica, mas algo da maior significação humana e, portanto, também teórica”. A questão estética tem a sua importância filosófica e teórica sobretudo porque trata de “uma dimensão essencial da existência humana” (VÁSQUEZ, 2011a, p. 12).

Os Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1844 de Marx é considerada a obra que contém os elementos fundamentais de sua estética. E conforme esclarece Frederico (2013, p.56) Lukács foi único autor marxista do século 20 “que se reclamou herdeiro direto da ontologia esboçada em 1844 e se dispôs a desenvolver as ideias estéticas nela presente”.

Lukács ao prefaciá-la sua obra “*Introdução à uma estética marxista*” (1968) destaca que se “propõe a analisar a gênese filosófica do princípio estético, a sua diferença em relação ao reflexo científico da realidade objetiva e em relação ao reflexo que se realiza na vida cotidiana” e destaca a categoria da particularidade como categoria e problema central da estética (LUKÁCS, 1968, p.1).

A arte para Lukács “é um modo particular e totalização dos conhecimentos obtidos na vida. A ciência (desantropomorfizadora) funda a nossa consciência histórica, ao passo que a arte (antropomorfizadora e imanente) funda a nossa autoconsciência histórica” (KONDER, 2013, p. 137).

No livro “*Marxismo e teoria da literatura*” são reunidos escritos de Lukács em momentos diferentes, a sua análise criteriosa e rigorosa pautada no materialismo histórico e dialético sobre a arte e literatura, o situa como um dos mais importantes estudiosos da estética marxista, seja pela sua análise lúcida, pela clara tomada de posição a favor de uma arte realista, essencialmente autêntica, nem “livre”, nem “dirigida”, seja pelo profundo conhecimento da literatura e de seus clássicos, sendo estes marxistas ou não.

Realiza, no conjunto de textos apresentados, uma análise minuciosa por dentro do marxismo, apontando aqueles que conseguem objetivamente trabalhar a arte como reflexo da realidade e realizar uma composição literária que acompanha o movimento dinâmico da própria realidade, assim como, identifica aqueles influenciados pela decadência do capitalismo que capitulam na perspectiva de uma arte dirigida, fatalista, descritiva, subjetivista, individualista e apologética e acabam por perder a autenticidade da arte.

Konder (2013) brasileiro, discípulo de Lukács com quem se comunicava por meio de cartas, dentre as suas várias obras escreveu o livro “Os marxistas e a arte” onde destaca a concepção e as diferenças de vários marxistas acerca da arte. Para Frederico que prefacia sua obra Konder “defende a arte como herança cultural da humanidade, do

humanismo e do método realista na literatura” (FREDERICO In: KONDER ,2013, p.12).

Se para Hegel a arte constituía-se parte de um estágio inferior que seria superado pela religião e depois pela filosofia, Marx e Engels, por sua vez, reabilitaram os sentidos humanos, historicizando-os e com isso, a “valorização do conhecimento artístico” e da “humanização dos sentidos na formação humana” (KONDER, 2013, p. 38-39).

#### TRABALHO E ARTE: A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL EM DISPUTA

A compressão sobre a relação trabalho e arte se faz necessária como primeiro esforço para entender o papel das artes na sociedade contemporânea, sobretudo no campo da educação. Para Vázquez (2011b, p.269) “criar é a primeira e a mais vital necessidade humana, porque só criando, transformando o mundo, o homem [...] faz um mundo humano e se faz a si próprio”, portanto o trabalho e arte tem em seu cerne a criação, uma atividade essencialmente humana.

O trabalho, de acordo com Mészáros (2006, p.78), pode ser entendido na sua acepção geral, na perspectiva ontológica como “atividade produtiva fundamental da existência humana”, ou na sua acepção particular, na forma de “divisão do trabalho capitalista”. Nesta última forma “o ‘trabalho’ é a base de toda a alienação”, produtora de mediações de segunda ordem, tais como “propriedade privada- intercâmbio- divisão do trabalho”, que “se interpõe entre o homem e sua atividade e o impedem de se realizar em seu trabalho, no exercício de suas atividades produtivas (criativas) ”. Neste sentido, ao analisarmos as contradições do ensino técnico em artes percebemos o quanto o capitalismo hostiliza e busca subordinar a arte esvaziando-a de sua finalidade precípua, tornando-a mercadoria, entendemos que as mediações de segunda ordem são colocadas em movimento e afetam a criação artística, o gozo estético e a formação em artes.

Neste sentido esclarece Kosik (1976, p. 110):

O capitalismo rompe esse vínculo direito, separa o trabalho da criação, os produtos dos produtores e transforma o trabalho numa fadiga incriativa e extenuante. A criação começa além das fronteiras do trabalho industrial. A criação é arte, enquanto o trabalho industrial é ofício, é algo maquinal, repetitivo, e, portanto, algo pouco apreciado e que se auto despreza.

É a compreensão da arte como criação, como dimensão do trabalho e que amplia a positividade deste que percebemos que a arte precisa ser colocada no conjunto da luta pela “emancipação de todos os sentidos e qualidades humanas” base de um projeto societário de formação humana omnilateral pois, como bem esclarece Marx nos *Manuscritos Econômicos-filosóficos de 1844* “não só pelo pensar, mas com todos os sentidos se afirma, portanto, homem no mundo objetivo”, também alerta Marx que a substituição de todos os sentidos pelo único sentido de ter empobrece grandemente os sentidos humanos (MARX, 2015, p, 350-351).

A necessidade e a criação são características próprias do homem que produz a sua existência material mediatizada pelo trabalho. É certo que estamos falando do trabalho ainda não alienado e transformado em mercadoria, que desumaniza e subjuga o trabalhador. Para Vásquez (2011b, p. 60) “o trabalho não é apenas criação de objetos úteis que satisfazem determinada necessidade humana, mas também o ato de objetivação e plasmação de finalidades, ideias ou sentimentos humanos, num objeto material concreto-sensível”. Isso possibilita, segundo este autor, criar objetos como as obras de arte, além disso, a arte tem, de alguma forma, resistido às imposições da lógica capitalista, vejamos o que ressalta Konder ao analisar a arte na atualidade,

embora pagando tributo à alienação geral das sociedades divididas em classes, o trabalho de criação artística tem conseguido preservar, ao longo da história da humanidade, dentro de certos limites, as características de criatividade que são inerentes à genuína práxis humana (KONDER 2013. p.25).

Para Vázquez (2011a) trabalho e arte se assemelham por terem suas raízes na natureza criadora de ambas. Trabalho e arte “são duas atividades que se inserem no processo das objetivações materiais e não materiais que permitiram ao homem separar-se da natureza, transformá-la em seu objeto e moldá-la em conformidade com seus interesses vitais” (FREDERICO, 2013, p.44), produzindo a humanização, portanto.

Mesmo a arte tendo essa capacidade de resistir ao longo da história da humanidade, como Konder (2013) faz questão de enfatizar, Vasquez (2011a) alerta que nas sociedades capitalistas a relação trabalho e arte, enquanto relação criadora-humanizadora, tende a desaparecer,



Com a divisão do trabalho cada vez mais profunda, separam-se cada vez mais radicalmente a consciência e a mão, o projeto e a execução, a finalidade e sua materialização; desse modo, o trabalho perde seu caráter criador, enquanto a arte se eleva como atividade própria, substantiva, como reduto inexpugnável da capacidade criadora do homem, após ter esquecido suas remotas e humildes origens. **Esquece-se, com efeito que o trabalho, como atividade consciente através da qual o homem transforma e humaniza a matéria, tornou possível a criação artística** (VASQUEZ, 2011a, p.64. Grifos nossos).

É na tentativa de separação entre arte e trabalho que surgem as especialidades artísticas, a fragmentação dos sentidos e a negação de uma educação estética potencializadora do ser humano como ser social e a ênfase na atomização do indivíduo, no falso discurso do talento, que apenas mascara a divisão social do trabalho e a produção de uma arte-mercadoria,

O trabalho, ressalta Engels (2016, p.1) é muito mais do que fonte de riqueza como querem os capitalistas, “o trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem”.

Estamos de acordo com Engels quando ressalta essa importância fundante do trabalho como constituidora do ser humano, mas compreendemos em Jose Paulo Netto que a constituição do ser social não fica limitada ao trabalho, em suas palavras ressalta que “no ser social desenvolvido, verificamos a existência de esferas de objetivação que se autonomizaram das exigências imediatas do trabalho - a ciência, a filosofia, a arte, etc” (NETTO, 2006, p.43).

A arte, nestes termos, possui um papel fundamental por contribuir com a construção do ser humano integral contrapondo-se à fragmentação humana, produto da divisão da sociedade em classes.

## O PAPEL DO TRABALHO E DA ARTE PARA A FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL

A concepção de formação humana omnilateral se insere num projeto societário que visa superar o capitalismo. Esclarecemos que o termo omnilateral vem do latim e significa “todos os lados ou dimensões” (FRIGOTTO, 2012, p. 265).

A fragmentação e desumanização humana promovidas pelo capitalismo tem gerado cada vez mais processos de formação que negam o ser humano, que o reduzem a meros instrumentos de reprodução da lógica do capital. Pensar a formação humana omnilateral significa contrapor-se a essa lógica de empobrecimento dos sentidos e potências humanas. Nestes termos, esclarece Frigotto

**Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico.** Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. Em síntese, educação omnilateral abrange a educação e a emancipação de todos os sentidos humanos, pois os mesmos não são simplesmente dados pela natureza (FRIGOTTO, 2012 p. 265. Grifo nosso)

No campo educacional brasileiro Frigotto, Ciavatta, Ramos (2005), Araujo, Rodrigues, Silva (2014) opõem-se a processos de formação humana fragmentadores e caminham na direção e na defesa de um ensino integrado, não somente na forma, mas sobretudo no conteúdo, ou seja, um ensino onde busca-se a formação dos seres humanos por inteiro, uma formação completa, ampla, que potencializa todas as dimensões humanas e corrobora para emancipação do trabalhador, nesta perspectiva a arte e o trabalho possuem importância fundamental.

Ciavatta (2005, p.86) ao historicizar o conceito de formação integrada, situa “sua origem na educação socialista que pretendia ser omnilateral, no sentido de formar o ser humano na sua integralidade física, mental, cultural, política, científica-tecnológica”.

Nestes termos depreendemos que a arte ao tomar o ser humano em sua totalidade e o trabalho como princípio educativo, ambas práxis criadora, corroboram fundamentalmente para se pensar processos de formação humana omnilateral, onde os seres humanos possam desenvolver todas as dimensões do seu ser, tomar consciência de sua desumanização e sentir necessidade de sua inteireza.

O desenvolvimento da capacidade do homem de criar objetos através do trabalho, o desenvolvimento da capacidade do homem de plasmar o mundo objetivo à sua feição, se faz acompanhar de exigências no sentido de que se desenvolva, também, uma rica sensibilidade humana

subjetiva. Um dos aspectos essenciais da história da humanidade é o da humanização dos sentidos na formação do ser humano (KONDER, 2013, p.39)

O capital desumaniza, empobrece os nossos sentidos, fragmenta a nossa vida, nos transforma em mercadoria viva, com necessidades estranhas, confusas, “fantasmagóricas”. Nesse processo de formação humana em disputa, tão necessário se faz a arte e o trabalho, categorias de mediação na construção de uma ordem sociometabólica alternativa ao capitalismo.

Marx (2015) ao tratar da questão da alienação humana abre a perspectiva de compreensão da arte como educadora dos sentidos (ver, ouvir, falar, cheirar, tocar), mas que somente poderá fazê-lo como homem integral pois, “o homem assoberbado de cuidados, não é capaz de apreciar o mais belo espetáculo” afirma Marx (2015, p. 6).

Não se trata de adquirir a capacidade de fruição, mas de uma apropriação e um desenvolvimento da sensibilidade que ocorre na integralidade do ser humano, dado que “o sentido subserviente às necessidades grosseiras só tem um significado restrito”, portanto, o ser humano integral se constrói na superação da alienação, no rompimento com a propriedade privada e no desenvolvimento de suas capacidades estéticas e nesse aspecto a arte contribui para essa superação (MARX, 2015, p.8).

Nosso estudo tem como lócus de pesquisa o curso de Teatro da Escola de Teatro e Dança de uma universidade pública da Amazônia, que por sua vez originou-se de um movimento regional conhecido como Movimento do Teatro do Estudante, 1941, e deste, emerge em 1949, o Teatro Universitário e em 1957, nasce o Norte Teatro Escola (SALLES, 1994b). O Norte Teatro Escola dá origem ao Serviço de Teatro Universitário em 1962, com um único curso livre regular denominado de Curso de Formação de Ator e outros esporádicos, a exemplo, de cursos de Cenografia e cursos de Linguagem Cinematográfica, de curtíssima duração.

A Escola de Teatro nas suas origens constituía aquilo que Élleres (2008) chamou de “Teatro de Vanguarda” dirigida à época pelo filósofo Bendito Nunes. A partir de 2003 os cursos livres passam a ter caráter formal, tornando-se o curso técnico de Ator, com reconhecimento do MEC. Observa-se com isso, a total informalidade vivida durante 40 anos, o que representou diferentes experimentações formativas livres de padrões nacionais, no decurso dessas quatro décadas.

O Curso de Formação de Ator da Escola passa por um processo de institucionalização no período de transição entre “o fim” da vigência do decreto 2.208/97 e o início da vigência do Decreto 5.154/2004. O curso se institucionaliza em 2003, passando de curso livre para curso técnico. O Decreto 2.208/97 pressupunha a separação entre ensino técnico e ensino médio, portanto, o curso nasce em completa desvinculação com o ensino médio, como consta no Projeto Pedagógico do Curso, na versão de 2003. Com a aprovação do Decreto 5.154/2004, o projeto é reformulado e então é explicitado a vinculação ao ensino médio como pré-requisito de ingresso ao curso, ou seja, estar cursando ou ter concluído o ensino médio e passa a ser ofertado nas formas concomitante e subsequente.

Na época, institucionalizar o curso de Formação de Ator e situá-lo no interior da Educação profissional era, portanto, uma questão de sobrevivência deste e garantia de continuidade da formação e legitimação da arte no interior da academia, espaço conquistado com muita obstinação. Antes da institucionalização do curso de Ator, a Escola de Teatro e Dança oferecia cursos livres e oficinas, ou seja, as formações e conteúdos aconteciam de forma avulsa, a constituição do curso técnico significava a tentativa de construção de uma articulação desses saberes e fazeres na busca de uma formação mais ampla do ator/atriz.

O curso é realizado em 2 anos com carga horária total de 1.384 horas, muito acima do mínimo de 800 horas estabelecido pelo Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos. Portanto, aproximar o debate das artes na educação profissional no contexto mais amplo da educação, implica situá-lo na disputa entre, fundamentalmente, dois projetos representados de um lado, pela Integração, fundamentada na Filosofia da Práxis e de outro, pela Fragmentação, apoiada no Pragmatismo.

Portanto, “a luta de concepção e de condições materiais objetivas é para afirmá-la na direção da escola unitária e politécnica, e não no dualismo, na fragmentação e aligeiramento do ensino médio e educação profissional para jovens trabalhadores” (FRIGOTTO, CIAVATA e RAMOS, 2005, p 15). A construção da Integração “não requer técnicas mirabolantes ou procedimentos inteiramente novos para a sua realização”, como alerta Araujo, Rodrigues e Silva (2014, p.184), mas a potencialização de práticas integradoras já existentes, de políticas públicas, ações e atitudes ético-políticas que se integrem ou como se diria nas artes, de corpos integradores.

A fragmentação não é apenas do ensino ou escolar é também uma fragmentação da vida social, da vida material separada da vida espiritual, da sociedade dividida em classes sociais, produto e produtora do sistema capitalista, que esvazia o trabalho e a arte de sua essência que é a humanização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos, que no âmbito do binômio trabalho-educação, deve ser assegurada a importância da arte na formação humana, para Mészáros (2006, p.174) “arte não é o tipo de coisa que pode ser atribuído à esfera ociosa do lazer, e, portanto, de pouca ou nenhuma importância filosófica, mas algo da maior significação humana e, portanto, também teórica”.

Apesar da importância da arte para a formação humana, Reis (2004) vem apontando uma quase ausência na área do Trabalho e Educação em relação à questão estética, como destaca

[...] na realidade, no campo de trabalho e educação, são raros os estudos educacionais que têm incorporado *a questão estética a esse binômio como elemento de problematização da história cultural do trabalhador*, e quando o fazem é apenas periféricamente (REIS, 2004, p. 228. Grifo nosso).

Destacamos que a educação dos sentidos, possibilita o desenvolvimento amplo do sujeito e que, portanto, a Arte pode contribuir de forma significativa na formação de trabalhadores e por isso mesmo ela é negada a eles. Em uma perspectiva de formação integrada, as artes cumprem papel fundamental por colaborar na formação do homem e da mulher por inteiro.

Nestes termos depreendemos que a arte e o trabalho como práxis criadora, que como eixos fundamentais para se pensar processos de formação humana omnilateral, em a partir do que os seres humanos possam desenvolver todas as dimensões do seu ser, tomar consciência de sua desumanização e reclamar a sua inteireza. Portanto, fundamental para a construção de processos de formação humana que tome o ser humano como principal referência.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO. R.M.L; RODRIGUES, D.S; SILVA. G.P. Ensino integrado como projeto político de transformação social. Revista: **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte, v.23, n.1, p. 161-186, jan-abr, 2014.

BRASIL. **Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) **Ensino médio Integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

ÉLLERES. Paraguassú. **Teatro de Vanguarda**. *O Norte Teatro Escola do Pará e os festivais de teatro de estudantes*. Belém: Paka-Tatu, 2008.

ENGELS, Friedrich. **Transformação do macaco em homem**. Disponível <http://www.marxists.org/portugues/index.htm>, acessado em 15 de janeiro de 2016.

FREDERICO, Celso. *A arte no mundo dos Homens: o itinerário de Lukács*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. A Gênese do Decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) **Ensino médio Integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; (Org.). **Dicionário de educação do campo**. São Paulo, Expressão Popular, 2012.

KONDER, Leandro. **Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista**. 2ª edição. São Paulo: expressão popular, 2013.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Cecília Neves e Alderico Toríbio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, Georg. **Introdução à uma estética marxista**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização brasileira S.A. 1968.

\_\_\_\_\_.1885-1971. **Marxismo e teoria da literatura**. Seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX. Karl, ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. Tradução de José Paulo Neto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 2ª edição – São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MÉSZÁROS. István. **A teoria da Alienação em Marx**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, Karl. **Cadernos de Paris; Manuscritos econômicos-filosóficos de 1884**. Tradução José Paulo Netto e Maria Antonia Pacheco. 1ª edição- São Paulo: Expressão Popular, 2015.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da Arte**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução**. São Paulo: Cortez, 2006.

RAMOS, Marise. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) **Ensino médio Integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

REIS, Ronaldo Rosas. Trabalho e Conhecimento estético. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v.2 n.2, p.227-250, 2004.

\_\_\_\_\_; REQUIÃO, Luciana. Arte e formação humana: estatuto ontológico e sistema de arte. **Revista: Conhecimento & Diversidade**. Niterói, n. 9, p. 37–47, jan./jun. 2013.

SALLES, Vicente. **Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época**. Tomo 1. Belém: EDUFPA, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época**. Tomo 2. Belém: EDUFPA, 1994b.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **As ideias estéticas de Marx**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3ª edição – São Paulo: Expressão Popular, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da Práxis**. Tradução de Maria Encarnación Moya. 2ª ed. –Buenos Aires: conselho latinoamericano de Ciências Sociais- Clacso. São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011b.